

FUNAI

O mutismo como estratégia

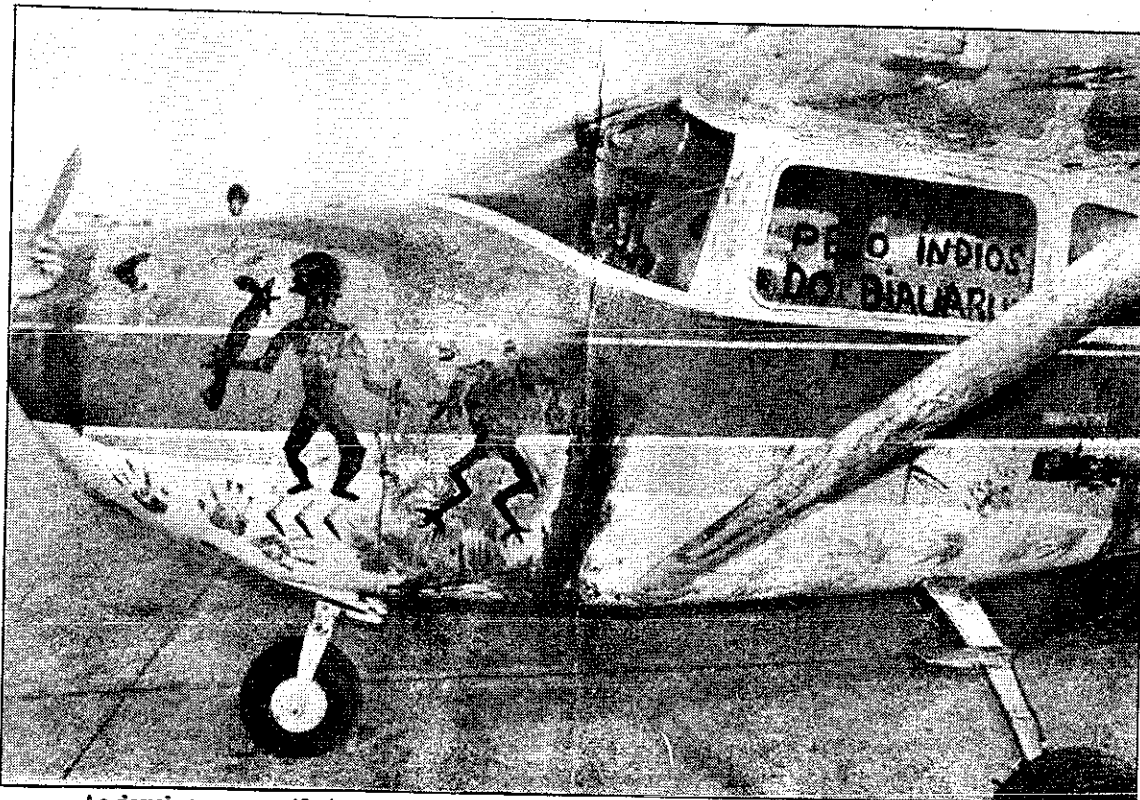
Silenciosamente, o novo presidente da Funai, Otávio Ferreira Lima, vai cumprindo o papel que lhe foi determinado pelo Conselho de Segurança Nacional, à frente do órgão de assistência ao índio. A substituição do coronel Paulo Leal por Ferreira Lima, no final de junho, seguiu o novo figurino de reciclagem do regime: tirar os militares de posições de desgaste e entregá-las a civis. E, certamente, não havia órgão da administração pública que, àquela altura, estivesse mais desgastado do que a Funai, com seu estado-maior de coronéis.

A ocupação do prédio da Funai, por vários índios, sobretudo **Xavante**, as lutas internas, com mortes, ocorridas em Pau-Brasil (**Pataxó Hã-Hã-Hãe**) e Guarita (**Kaingang**), a apreensão, pelos **Kayabí** do Parque do Xingu, de um avião que descera irregularmente no Posto Diauarum foram algumas das crises que levaram à demissão de Leal (ver **PORAN-**

TIM nº 54).

Após o expurgo dos coronéis, começou, sem dúvida, uma nova fase na Funai, com rumos traçados dentro de uma estratégia bem definida: não enfrentar as crises, mas reduzir ou anular suas repercussões. E, quando possível, neutralizar os agentes dessas crises.

Assim, a primeira providência de Ferreira Lima foi cortar o acesso da imprensa à Funai. "Está tudo sob controle", tornou-se a frase mais ouvida pelos jornalistas que iam à Funai indagar das providências do órgão para situações críticas, como, p. ex., as de Dourados e Bodoquena (ver página 5). Ter as crises "sob controle", para a Funai, passou a significar colocá-las exatamente fora do controle da opinião pública. E, para isso, decidiu-se manter a imprensa afastada das situações "indesejáveis" e desestimulá-la de repercutir, em Brasília, certos acontecimentos das aldeias.



Givaldo Barbosa (Correio Braziliense)

Ao devolverem o avião invasor, os índios do Parque do Xingu registraram seu protesto

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Perseu

Class.: 11

Data: 30/1/83

Pg.: 04